



O CORAÇÃO
FINANCEIRO
DO MUNDO
CAPITALISTA FOI
PARAR NA UTI.

E COM ELE TODA
UMA IDEOLOGIA, QUE
CONFUNDE LIVRE
MERCADO COM
DEMOCRACIA.

O PREÇO DESTA HISTÓRIA ESTÁ
ESTAMPADO NAS MANCHETES DOS
JORNAL DO MUNDO INTEIRO E
AMEAÇA A VIDA FINANCEIRA DAS
NAÇÕES AVANÇADAS E EMERGENTES.



LIVRE MERCADO E DEMOCRACIA Curiosa coincidência. Setembro tem sido um mês maldito para o coração financeiro dos EUA. Em 11 de setembro de 2001, assistimos às explosões terroristas nas torres gêmeas do *World Trade Center*. Em 15 de setembro 2008, acompanhamos, perplexos, a quebra dos poderosos de *Wall Street*, o banco *Lehman Brothers* e a seguradora *AIG*. O coração financeiro do mundo capitalista foi parar na UTI. E com ele, toda uma ideologia que confunde livre mercado com democracia. O preço desta história está estampado nas manchetes dos jornais do mundo inteiro e ameaça a vida financeira das nações ricas e pobres, avançadas e emergentes.

CRÉDITO CARO E RESTRITO No Brasil, o presidente do *Banco Central*, Henrique Meirelles, diz que o país está forte “mas deve passar por acomodação”. Já o presidente das *Casas Bahia*, Michel Klein, acredita que o comércio terá que rever suas previsões de crescimento para 2009, já que o cenário que se desenha sinaliza um crédito mais restrito, mais caro e com prazos reduzidos. O fato é que o enxugamento do crédito causado pela crise financeira que se estendeu mundo afora, encareceu empréstimos e deverá afetar, também, os investimentos brasileiros em infra-estrutura, a partir de 2009.

RETRAÇÃO E RESTRIÇÃO As 138 mil lojas de material de construção, que representam 77% da receita da indústria de materiais de construção, registraram uma forte queda na demanda. Segundo o presidente da associação nacional dos comerciantes do setor, Cláudio Elias Conz, o varejo de material de construção sentiu uma retração anormal nas vendas nos últimos 10 ou 12 dias. Para Marcelo Salomon, economista-chefe do *Unibanco*, o período de incerteza só passará quando houver maior definição sobre os preços dos títulos resgatados nos EUA. Ele diz, ainda, que esta restrição de liquidez vai continuar muito forte e que há uma incerteza no sistema financeiro. O vice-presidente financeiro do *Banco do Brasil*, Aldo Mendes, afirmou que o pouco dinheiro atualmente disponível está mais caro e com prazos muito curtos.

REGULAMENTAÇÃO Nouriel Roubini, professor da *Universidade de Nova York*, e editor do site *Global EconoMonitor* – um dos mais lidos no mercado – diz que essa crise poderia ter sido evitada. Bastava ter tido regulamentação. Ele informa, ainda, que não estamos no fundo do poço e completa: “(...) se o plano do tesouro americano for aplicado corretamente, vamos ter uma recessão de dois anos. Mas, nestes dois anos a recessão será severa”.

DESACELERAÇÃO Frente à recessão que começa a contaminar as economias avançadas, o professor Nouriel se pergunta: “(...) quanto às economias emergentes, vão desacelerar? Se 55% do PIB global se contrair, haverá desaceleração severa do crescimento nos países emergentes”. Ele afirma também que, neste momento, o crescimento da China está caindo de 11% para 9% e pode chegar perto de 7%. Sobre o Brasil, o professor Nouriel diz que “(...) se o país tiver um crescimento entre 1% e 2%, será como uma recessão para a nação brasileira (...) Uma queda na Rússia, Índia, China, Brasil e outros emergentes, associada a um crescimento negativo das economias avançadas, levará a uma recessão global”.

OUTROS TEMPOS Na visão do professor Max Otte, da *Universidade de Worms*, na Alemanha, e ex-aluno do presidente do *Fed*, Ben Bernanke, o capitalismo como o conhecemos morreu. Em seu lugar virá uma economia regulamentada. Otte diz ainda que “(...) entre os fatores que prenunciavam a crise é possível citar a explosão dos preços dos imóveis nos EUA, associada a um crédito descontrolado. Além disso, o setor especulativo da economia cresceu muito mais do que o produtivo”. Para o professor Max Otte, “(...) qualquer que seja o resultado, se colapso global ou apenas uma recessão, o poder dos bancos, o poder imensurável do capital, o comércio com bens altamente especulativo, isso acabou”.